


**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: INFÂNCIA, ESCRITA E REPRESENTAÇÃO DO
COTIDIANO NO JORNAL FANAL (1940)**

**HISTORY OF EDUCATION: CHILDHOOD, WRITING AND THE REPRESENTATION
OF DAILY LIFE IN THE NEWSPAPER FANAL (1940)**

**HISTORIA DE LA EDUCACIÓN: INFANCIA, ESCRITURA Y REPRESENTACIÓN DE LA
VIDA COTIDIANA EN EL PERIÓDICO FANAL (1940)**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-279>

Data de submissão: 24/11/2025

Data de publicação: 24/12/2025

Alexsandro Rocha da Silva

Doutorando em Educação

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

E-mail: alexssolucao@gmail.com

Helissandro Rocha da Silva

Doutorando em História Comparada

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: helissandro88@gmail.com

Maria Solange Rocha da Silva

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

E-mail: mariasolange@ufpi.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar, textos de alunos das instituições de ensino: Grupo Escolar Costa Alvarenga e Escolas Agrupadas Armando Bularmaqui, na cidade de Oeiras PI, publicados pelo jornal escolar Fanal (1940). Sob a perspectiva da Nova História, os textos dos estudantes trazem impressões sobre a escola, a cidade e a vida cotidiana. Neste sentido constituem fontes para compreendermos representações sociais, práticas escolares e valores educativos de uma época. Partindo dessa perspectiva, entende-se que o jornal escolar foi um suporte para a cultura e também para a educação. As publicações dessas crianças, aproximam-se da memória, história, literatura e educação. Permite, assim, observar como a infância se inscreve nos processos históricos. Como defende Certeau (1982), “em história, tudo começa com o gesto de reunir”. Nesse sentido, as narrativas das crianças “são fontes realistas” (Barros, 2019), marcadas por efeitos de verdade e pela tentativa de registrar experiências vividas. Isso configura-se como suporte para compreender a formação escolar em Oeiras Piauí, no ano de 1940.

Palavras-chave: Nova História. História da Educação. Jornal Fanal. Memória. Textos Escolares.

ABSTRACT

This article aims to analyze texts written by students from the following educational institutions: Costa Alvarenga School Group and Armando Bularmaqui Grouped Schools, in the city of Oeiras, Piauí, published in the school newspaper Fanal (1940). From the perspective of New History, the students' texts present impressions about the school, the city, and daily life. In this sense, they

constitute sources for understanding social representations, school practices, and educational values of an era. From this perspective, it is understood that the school newspaper was a support for culture and also for education. The publications of these children are close to memory, history, literature, and education. Thus, it allows us to observe how childhood is inscribed in historical processes. As Certeau (1982) argues, "in history, everything begins with the gesture of gathering." In this sense, the children's narratives "are realistic sources" (Barros, 2019), marked by effects of truth and the attempt to record lived experiences. This serves as a basis for understanding school education in Oeiras, Piauí, in the year 1940.

Keywords: New History. History of Education. Fanal Newspaper. Memory. School Texts.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar textos escritos por estudiantes de las siguientes instituciones educativas: Grupo Escolar Costa Alvarenga y Escuelas Agrupadas Armando Bularmaqui, en la ciudad de Oeiras, Piauí, publicados en el periódico escolar Fanal (1940). Desde la perspectiva de la Nueva Historia, los textos de los estudiantes presentan impresiones sobre la escuela, la ciudad y la vida cotidiana. En este sentido, constituyen fuentes para comprender las representaciones sociales, las prácticas escolares y los valores educativos de una época. Desde esta perspectiva, se entiende que el periódico escolar fue un soporte para la cultura y también para la educación. Las publicaciones de estos niños se acercan a la memoria, la historia, la literatura y la educación. Así, nos permite observar cómo la infancia se inscribe en los procesos históricos. Como argumenta Certeau (1982), «en la historia, todo comienza con el gesto de reunirse». En este sentido, las narrativas de los niños «son fuentes realistas» (Barros, 2019), marcadas por efectos de verdad y el intento de registrar experiencias vividas. Esto sirve de base para comprender la educación escolar en Oeiras, Piauí, en el año 1940.

Palabras clave: Nueva Historia. Historia de la Educación. Periódico Fanal. Memoria. Textos Escolares.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar as publicações dos alunos do Grupo Escolar Costa Alvarenga e Escolas Agrupadas Armando Bularmaqui, na cidade de Oeiras PI, publicados no jornal escolar Fanal no ano de 1940. Ao tomar o jornal Fanal como fonte histórica, entende-se que nos textos escritos pelas crianças, estão impressas as marcas do passado que apresentam vestígios das práticas escolares e das experiências educativas do período. Segundo Barros (2019, p. 1), “fonte histórica é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente”.

Partindo dessa concepção de fonte, Sousa (2020, p. 17), destaca que a imprensa possibilita encontrar discursos educacionais de professores, diretores, alunos e governantes, mostrando a leitura da educação de um período com riqueza de detalhes. Assim, ao considerar as produções do jornal Fanal, percebemos esse caráter polifônico, onde a infância aparece como sujeito histórico.

No que se refere circulação do Fanal é importante situar a publicação no contexto piauiense, destacando que Oeiras foi a primeira capital do Piauí (1759-1852), essa condição confere a cidade uma posição diferenciada dos demais municípios do estado. “Em Oeiras estão fixadas as raízes da História do Piauí. Terra cantada em verso e em prosa por poetas, escritores e historiadores” (Reis, 2006, p. 17).

Vale ressaltar que na década de 1940, no Piauí, já circulavam diversos periódicos. Vilanova (2022, p. 48), em estudo sobre a imprensa escolar no Piauí, informa que foi possível notar evidências da manifestação da imprensa periódica escolar no Piauí desde o final do século XIX. Por volta das décadas de 1930 e 1940, de modo geral, os periódicos exerciam um papel importante na população letrada. Nesse período, “as escolas também tomaram a iniciativa de motivar a produção de jornais e revistas tornando esses veículos parte da sua cultura, de modo que proliferaram em Teresina e em outras cidades que experimentaram um certo grau de desenvolvimento” (Vilanova, 2022, p. 131).

Em âmbito nacional, vale destacar que a efervescência do movimento da Escola Nova no Brasil, sobretudo a partir da década de 1920, impulsionou práticas pedagógicas inovadoras, visando uma educação ativa e centrada no aluno. Neste sentido, Bastos (2013, p. 7), ressalta que “entre as instituições complementares ou associações auxiliares à escola, estimuladas pelos protagonistas da Escola Nova desde as primeiras décadas do século 20, destaca-se o jornal escolar elaborado pelos alunos, como atividade de sala de aula ou extraclasse”. A primeira experiência com jornal escolar ocorreu na década de 1910, “no pós-guerra, na Escola Decroly, Bélgica, com o *Courrier de l'École*.

Mas foi Celéstin Freinet, com suas experiências a partir de 1924, que ampliou a divulgação e utilização do jornal escolar como texto livre” (Bastos, 2013, p. 7).

Ao longo século XX, o jornal escolar foi incentivado pelas autoridades educacionais, “especialmente da década de 1910 a 1970, será foco de normatizações pelas quais se busca orientar minuciosamente os professores a criar um periódico em sua escola ou sala de aula, em todas as fases necessárias para sua concretização, do planejamento à circulação” (Bastos, 2013, p. 8).

Com base nesse contexto, este artigo se volta a análise de uma edição especial do jornal Fanal, publicado em 1940, na cidade de Oeiras-PI. Neste periódico encontram-se textos que exaltam a escola como espaço de disciplina e emancipação, descrevem o progresso urbano, retratam práticas religiosas e cotidianas, além de expressar patriotismo e imaginação infantil.

2 O JORNAL FANAL E A PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS

O Fanal será aqui apresentado, inicialmente, a partir das memórias do literato piauiense O. G. Rego de Carvalho (1940-2013), em texto autobiográfico, o referido escritor apresenta a seguinte lembrança: “meu avô, que era Prefeito Municipal, tinha um jornal chamado “Fanal” - Fanal quer dizer Farol - dedicado exclusivamente à publicação de trabalhos de alunos das duas escolas Municipais de Oeiras” (Carvalho, 2014, p. 22-23). O autor ainda destaca que sua professora, Tia Julinha, incentivava os alunos a escreverem para o Fanal, primeiro veículo de divulgação de seus textos, publicados quando tinha 10 anos de idade, experiência importante para sua iniciação na vida literária.

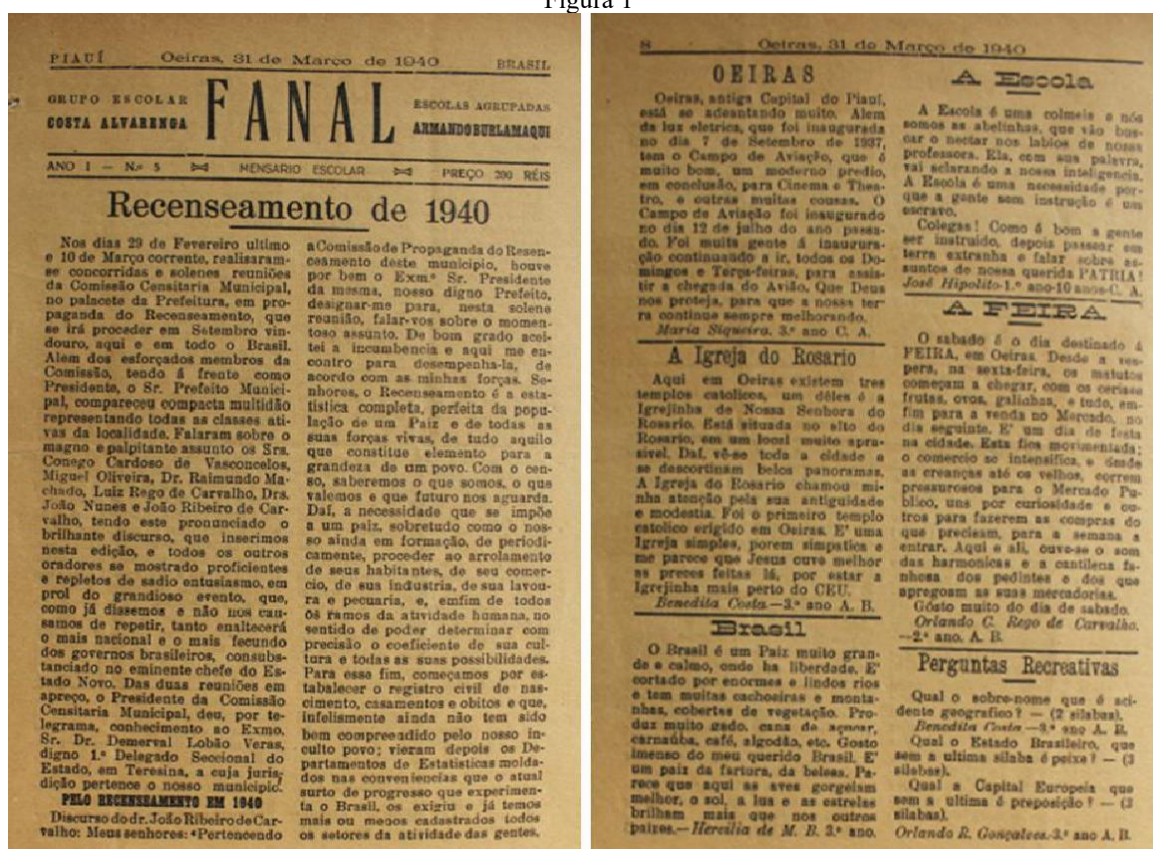
A edição examinada neste estudo é uma publicação do ano de 1940 e constitui-se com o único exemplar localizado até o momento. No entanto, há registro que em 1943, o periódico ainda estava em circulação, conforme notícia do jornal A Gazeta do Piauí, informando que o Fanal era de propriedade do Coronel Orlando Barbosa de Carvalho, prefeito da cidade de Oeiras, sendo também o responsável pela redação e direção daquela folha escolar (As visitas (...), 1943, p. 9).

É importante observar que esse jornal era de propriedade do prefeito de Oeiras e destinado a publicação de alunos das duas escolas da cidade. Essa informação é relevante por mostrar, pelo menos neste caso, que havia interesse do poder público municipal em incentivar a produção da escrita na escola. Conforme noticiou A Gazeta do Piauí em 1943, houve por parte do prefeito, um segundo investimento que foi a aquisição de uma oficina própria para edição autônoma daquela folha escolar, o que leva a pressupor que as publicações do Fanal podem ter sido ampliadas a partir desse período (As visitas (...), 1943, p. 9).

O número analisado é uma publicação do dia 31 de março de 1940, localizada no site Memória do jornalismo piauiense que disponibiliza jornais e revistas. A edição n. 5 (Ano I) tem oito páginas e

apresentava as seguintes matérias: notícias sobre o recenseamento de 1940; nota de falecimento; informe com característica de prestação de contas da prefeitura de Oeiras; uma seção denominada de “Fanal social”, onde foram destaques as notícias da partida de estudantes oeirenses para Fortaleza - CE, Rio de Janeiro e Teresina a fim de prosseguirem seus estudos; felicitações de aniversários; notas fúnebres; um apólogo O meu guarda-chuva; 20 anúncios; notas sobre visitantes ilustres que passaram pela cidade; e por fim, as publicações dos alunos. O Fanal era vendido a 200 réis. A imagem a seguir mostra a primeira e a última página do jornal.

Figura 1



Fonte: Fanal (1940)

Encontra-se nesta publicação sete textos de alunos (páginas 07 a 08) na seguinte sequência: “Perfil de uma coleguinha”, de Benedita Oliveira 2º ano A. B; “Oeiras”, de Maria Siqueira 3º ano C. A; “A escola”, de José Hipólito 1.º ano C. A; “A Igreja do Rosário”, de Benedita Costa, 3º ano A. B; “A Feira”, de Orlando G. Rego de Carvalho, 2º Ano. A. B; “Brasil”, de Hercília de M. B, 3º ano; “Perguntas recreativas”, de Orlando R. Gonçalves, 3º ano A. B.

Assim sendo, este artigo buscou analisar estes textos escolares, no Jornal Fanal, como fonte da História da Educação, destacando sua relevância para compreender a articulação entre memória,

cultura e sociedade. Observa-se que após o nome dos alunos aparecem as letras A.B. (Armando Bularmaqui) e C.A. (Costa Alvarenga), uma referência as escolas que as crianças estudavam.

Percebe-se, na edição analisada, que embora o mensário se intitulasse como um jornal escolar havia notícias diversas. Sobre este aspecto o Fanal informava que: “Não obstante ser, apenas, um pequeno estímulo de nossas escolas, fundado expressamente para os alunos tem, contudo, o prazer de noticiar em suas diminutas colunas, sempre que sobre espaço, os acontecimentos que mais de perto tocam à Oeiras” (Fanal, 1940, p. 3).

No entanto, ao contrário do que era noticiado, na edição examinada as publicações dos alunos aparecem somente nas duas últimas páginas, indicativo de que apenas um pequeno espaço era destinado aos alunos naquela folha. De todo modo, compreende-se a importância desse tipo de fonte para a História da Educação, pois como explica Bastos (2013, p. 8) “a elaboração de um periódico escolar busca dinamizar a ação educativa e estimular a participação do aluno”.

Analisa-se o referido periódico com base na história cultural, perspectiva teórica que de acordo com Chartier (1990, p. 16-17), “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler”. Para o autor essa tarefa pressupõe vários caminhos:

O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreensão do real. Variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidos pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo (Chartier, 1990, p. 17).

Deste modo, este estudo tomando por referência as produções das crianças, das duas escolas de Oeiras, busca discutir por meio de seus escritos sua percepção do mundo social. O jornal escolar Fanal, nesse sentido, é um espaço de diferentes ideias que disputam a atenção dos leitores. Um exemplo claro encontra-se no texto “A Escola.

“A Escola é uma colmeia e nós somos as abelhinhas, que vão buscar o néctar nos lábios de nossa professora. Ela, com sua palavra, vai aclarando a nossa inteligência. A Escola é uma necessidade porque a gente sem instrução é um escravo” (Hipólito, 1940).

O texto do aluno José Hipólito, que junto com sua assinatura põe sua idade (10 anos), e o ano letivo, 1º ano primário, representa uma fonte para a História da Educação, pois mostra a voz do aluno e, ao mesmo tempo, ecoa as concepções pedagógicas e políticas daquele período. Em atenção a algumas sentenças do texto de Hipólito, a metáfora da “colmeia” suscita evidências de uma escola com marcas de disciplina, centralizada na imagem da professora. Na passagem “A Escola é uma necessidade

porque a gente sem instrução é um escravo”, observa-se uma associação da escolarização ao progresso e a emancipação do indivíduo, discussão presente naquele período, principalmente no contexto de expansão da escola pública.

Além de um registro individual, o texto apresentado constitui formas de representações da infância, da escola e da instrução. Nesse sentido, a História da Educação dialoga com a memória de uma geração de alunos que aprenderam a narrar a si mesmos. Percebe-se na abordagem temática uma produção escolar estruturada na disciplina coletiva, na centralidade da professora e na valorização da instrução como instrumento de liberdade.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 101), “quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo [...], então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-los por escrito em uma narrativa”. O jornal escolar cumpre esse papel: registra experiências e projeta-as como memória coletiva. O Fanal também traz a memória da antiga capital do estado do Piauí. Um exemplo desse registro encontra-se no texto de Maria Siqueira (1940), que retrata o processo de modernização da cidade.

Oeiras, antiga Capital do Piauí, está se adeantando muito. Além da luz elétrica, que foi inaugurada no dia 7 de Setembro de 1937, tem o Campo de Aviação, que é muito bom, um moderno prédio, em conclusão, para Cinema e Teatro, e outras muitas cousas. O Campo de Aviação foi inaugurado no dia 12 de julho do ano passado. Foi muita gente á inauguração continuando a ir, todos os Domingos e Terças-feiras, para assistir a chegada do Avião. Que Deus nos proteja, para que a nossa terra continue sempre melhorando. (Maria Siqueira, 1940).

A escrita infantil produzida no espaço da escola Costa Alvarenga (Oeiras PI), registra o progresso urbano e tecnológico, tornado público a forma como as crianças internalizavam a modernização da cidade. Vilanova (2022, p. 131) destaca que os periódicos escolares funcionavam como veículos de manifestação estudantil e de formação cultural. A aluna aborda dentre outros temas, o desenvolvimento urbano e a experiências coletivas. A exemplo do que destacamos, tem-se uma narrativa que introduz elementos modernos na cidade: a luz elétrica, o campo de aviação e o cinema.

Ao mencionar a presença de “muita gente” durante a inauguração e a frequência aos domingos e terças-feiras para observar a chegada do avião, a autora (estudante) sinaliza para a construção de uma memória coletiva, na qual a educação e a socialização urbana se manifestam de forma indireta, mas notável. A menção a data “7 de setembro de 1937” (inauguração da luz elétrica), enfatiza o dia da independência do Brasil, o que confere ao acontecimento um sentido cívico e nacionalista e mostra como os eventos públicos e coletivos eram incorporados à experiência escolar das crianças.

Em continuidade a essa configuração que aborda práticas de sociabilidade e experiências coletivas, seguiremos a análise do texto denominado “A Feira”, de autoria de Orlando Geraldo do

Rego de Carvalho, que após 13 anos da referida publicação, tornou o nome de maior expressão da literatura piauiense. Em “A Feira” as experiências coletivas que educam são mais assentadas.

O sábado é o dia destinado à FEIRA, em Oeiras. Desde a véspera, na sexta-feira, os matutos começam a chegar, com os cereais frutas, ovos, galinhas, e tudo, enfim para a venda no Mercado, no dia seguinte. E' um dia de festa na cidade. Esta fica movimentada; o comercio se intensifica, e desde as crianças até os velhos, correm pressurosos para o Mercado Público, uns por curiosidade e outros para fazerem as compras do que precisam, para a semana a entrar. Aqui e ali, ouve-se o som das harmônicas e a cantilena fanhosa dos pedintes e dos que apregoam as suas mercadorias. Gósto muito do dia de sábado. (Orlando G. Rego de Carvalho, 1940).

Nesse texto, Orlando G. Rego de Carvalho faz uso da escrita no periódico escolar para comunicar ou expressar emoções, transmitindo assim a história do cotidiano de sua cidade, ou seja, escreve sobre a realidade dos fatos. Chama atenção que o assunto escolhido não se refere ao cotidiano, escolar, mas ao dia-a-dia da cidade. Através dessa publicação escolar é possível perceber aspectos do contexto social, político e econômico em que o pensamento do aluno começa a se desenvolver.

No texto, o estudante narra fatos de forma descritiva sobre os acontecimentos da feira da cidade, que acontecia aos sábados. O gênero textual que o estudante adotou foi a crônica, nesse tipo de texto, destacam-se “situações do cotidiano”. O texto “A Feira”, apresenta elementos interessantes sobre os costumes, cultura e modo de vida das pessoas da cidade, através da percepção de uma criança de 10 anos de idade.

Esse olhar atento para a vida cotidiana e para as práticas sociais já se mostravam nos primeiros escritos do autor, que se tornaria um dos mais importantes literatos piauienses.

Orlando Geraldo do Rego de Carvalho, que ficou conhecido como O. G. Rego de Carvalho, foi um importante literato piauiense, natural da cidade de Oeiras. Escritor, membro da Academia Piauiense de Letras, bacharel em direito, professor do Liceu Piauiense e funcionário público do Banco do Brasil. Escreveu as seguintes obras: *Ulisses Entre o Amor e a Morte*, 1953; *Amarga Solidão*, 1956; *Rio Subterrâneo*, 1967; *Somos Todos Inocentes*, 1971; *Como e Por Que Me Fiz Escritor*, 1989 (Silva; Ferro; Silva, 2024, p. 3).

Assim, a crônica “A Feira” antecipa o estilo literário de O. G. Rego de Carvalho¹, que ao longo da vida transformou o cotidiano, a cultura e a sociedade piauiense em matéria de sua arte literária.

Por destacar o cotidiano, o referido texto insere-se no gênero crônica. Sobre esse gênero textual o professor José d' Assunção Barros destacou que a crônica como fonte apresenta vínculo com outros textos, ou seja, “o que há em comum entre os ‘textos jornalísticos’, [...] as ‘crônicas’ propriamente ditas e, finalmente, a própria ‘historiografia’ [...] é seu vínculo em maior ou menor

¹ Orlando Geraldo do Rego de Carvalho, ficou conhecido como O. G. Rego de carvalho.

medida com a realidade efetiva” (Barros, 2019, p.103). Ao observar o conteúdo de “A Feira”, este remete o leitor ao cotidiano da cidade. Sobre os registros escritos, produzidos por um escritor que pode fornecer informações sobre um período, ou seja, às “fontes literárias” e também “fontes realistas”. A esse respeito, Barros (2019) observa o seguinte.

O que distingue das “fontes literárias” os tipos de textos que categorizaremos como “fontes realistas” - uma designação com a qual devemos sintonizar a própria “historiografia” - é o fato de que estes textos, de modo geral também autorais, pretendem se referir de alguma maneira à realidade, não se tratando de pura ficção ou criação livre. (...). Esses vários tipos de fontes realistas dependem muito claramente de produzir um forte efeito de realidade. Não se trata somente de fazer o leitor, no momento em que lê o texto, ter a sensação de que o que está sendo narrado está acontecendo, como fazem os escritores de ficção com tanta habilidade. Trata-se, rigorosamente falando, de deixar no leitor uma impressão de realidade que perdure, particularmente depois que ele já fechou o livro ou abandonou a leitura (Barros, 2019, p.103).

Assim, o texto escolar de aluno Orlando pode ser considerado uma representação da realidade local. É importante observar que ao elaborar o texto “A Feira”, o estudante atendia duas exigências: a publicação no jornal Fanal e a atividade da aula de Língua Portuguesa, proposta pela professora. Portanto, não foi por acaso que o autor procurou adequar-se ao gênero textual mais comum nos jornais e revista da época. Dessa forma, o Dicionário de Termos Literários, diz que [...] “a crônica de feição moderna, via de regra publicada em jornal ou revista, e muitas vezes reunida em volume, concentra-se num acontecimento diário que tenha chamado a atenção do escritor, e semelha à primeira vista não apresentar caráter próprio ou limites muito precisos” (Moisés, 2013, p.112). Ainda segundo Massaud Moisés, a crônica quando relacionada à literatura se configura como um gênero de natureza híbrida:

[...] “classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, de personagens reais e/ou imaginárias, e análise dessas várias facetas permite inferir em torno que a crônica constitui o lugar geométrico entre a poesia (lírica) do sempre a visão pessoal, subjetiva, ante etc. A um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; margem a que este revele dotes de contador de histórias” (Moisés, 2013, p.112).

A temática de “A Feira” retrata as tradições e costumes da cidade de Oeiras-PI, bem como o encontro de diferentes classes sociais que é simbolizado pelas pessoas que participam desse evento. Usando fatos, o autor alegoriza ou simboliza questões sociais que refletem sobre a história, reinterpretando-a e criando contexto para o ambiente descrito, característica do cronista.

Assim, o texto pode ser compreendido como histórico já que comunica o contexto histórico de um assunto em particular, mas também contém elementos literários com estilo marcado pela utilização de descrições detalhadas que criam um ambiente realista e emocionalmente envolvente. No

texto “A Feira”, o autor fazendo uso do gênero crônica, relata, documenta fatos e acontecimentos. Assim, registra a história escrita e possibilita ao leitor o conhecimento do passado.

Nesse contexto, esse tipo de narrativa insere a escola como “mediadora da vida social”, conectando às “práticas cotidianas”. Benjamin (1996, p. 209) observa que a crônica é forma de “narrativa próxima da história”, sem a obrigação explicativa do historiador. Em o Fanal, os alunos produziram outros textos que se aproximam da crônica, como “A Igreja do Rosário”, dentre outros nos quais registram impressões pessoais que preservam a memória coletiva da cidade. Um exemplo é o texto de Benedita Costa (1940), que descreve o templo em sua dimensão histórica e afetiva.

Aqui em Oeiras existem três templos católicos, um deles é a Igrejinha de Nossa Senhora do Rosário. Está situada no alto do Rosário, em um local muito apressável. Daí, vê-se toda a cidade e se descortinam belos panoramas. A Igreja do Rosário chamou minha atenção pela sua antiguidade e modéstia. Foi o primeiro templo católico erigido em Oeiras. É uma Igreja simples, porém simpática e me parece que Jesus ouve melhor as preces feitas lá, por estar a Igrejinha mais perto do CEU (Benedita Costa, 1940)

Na interseção entre forma e sentido, o texto da aluna nos mostra que a escola atua como espaço de construção de memória, pois, ao registrar a Igreja do Rosário, a estudante também inscreve sua visão de mundo e sua participação na preservação da herança cultural de Oeiras. Os relatos articulam memória, fé e imaginação, produzem “efeito de realidade” (Barros, 2019, p. 103). Seguindo esse entendimento, Chartier (2001, p. 59) argumenta que ler e escrever são formas de produção cultural múltiplas, que escapam à passividade. Na publicação do Fanal, as produções dos estudantes visavam um público leitor: estudantes, professores e familiares, que reinterpretavam os textos, atribuindo novos sentidos.

Sob essa perspectiva, o passado histórico se faz presente também pela memória e pela ficção. O texto “Brasil” exemplifica como a escrita infantil mescla imaginação, patriotismo e experiência escolar.

O Brasil é um Paiz² muito grande e calmo, onde há liberdade. É cortado por enormes e lindos rios e tem muitas cachoeiras e montanhas, cobertas de vegetação. Produz muito gado, cana de açúcar, carnaúba, café, algodão, etc. Gosto imenso do meu querido Brasil. É um paiz da fartura, da belesa. Parece que aqui as aves gorjeiam melhor, o sol, a lua e as estrelas brilham mais que nos outros paizes” (Hercília de M. B., 1940).

O texto de Hercília de M. B. (1940) é coerente com a educação brasileira do início do século XX, que contribuía para a formação da identidade nacional. Ao descrever o Brasil como um país

² Paiz teve a letra z substituída por s através do decreto de lei decreto nº 20.108, de 15 de junho de 1931.

“grande e calmo”, rico em recursos naturais e marcado pela liberdade, a autora nos informa sobre geografia, economia e valores de patriotismo.

A produção de Hercília, ao inserir a sentença: “as aves gorjeiam melhor, o sol, a lua e as estrelas brilham mais que nos outros paizes”, mostra a intersecção entre educação e literatura brasileira. É uma analogia com o poema “Canção do Exílio” (1843), de Gonçalves Dias que registrou “as aves, que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá”. Assim, o registro escolar da época mostra a construção de memória juntamente com a vivência. Nessa perspectiva, compreende-se que “a riqueza de qualquer texto está no fato de que ele é simultaneamente um ‘objeto de significação’ e um ‘objeto de comunicação cultural entre sujeitos’ [...]” (Barros, 2004, p.136). Em outros termos, a narrativa de Hercília constitui uma prática discursiva em que educação e sentimento de nação dialogam.

A escrita infantil, no espaço da sala de aula, é um testemunho para a História da Educação, pois nela se cruzam a temporalidade e a memória, ampliando a inserção dessas fontes nessa produção. Como ilustração dessa perspectiva, apresenta-se respectivamente os textos: Perfil de uma coleguinha e Perguntas recreativas.

Vou fazer o perfil de uma colega. Tem nove anos de idade. Ela é baixa, gordinha, tem os cabelos pretos, e os olhos bonitos. Gosta muito de estudar e é uma bôa aluna. É delicada e muito comportada. Foi promovida para o terceiro ano. Quero muito a esta coleguinha, e todos a apreciam, pela sua simplicidade. Porém, o que mais chama a atenção nessa menina, são as suas perninhas grossas e curtas (Benedita Oliveira).

O texto combina observações físicas, comportamentais e acadêmicas de uma colega, indicando valorização no contexto escolar da época, dedicação aos estudos, comportamento adequado e simplicidade. A promoção para o terceiro ano indica a existência de um sistema formal de progressão escolar. Assim, este pequeno relato nos permite compreender as expectativas sociais e educativas atribuídas a aluna, evidenciando que “os autores não são somente testemunhas da escola de sua infância ou da idade adulta: eles são intérpretes sensíveis e apaixonados dos processos familiares, escolares e sociais” (Galvão e Lopes, 2010, p. 73). Em outros termos, as crianças nas produções textuais percebem, interpretam e dão sentido às situações vividas.

De modo semelhante, o último texto da edição do fanal de 31 de março de 1940, denominado “Perguntas recreativas”, mostra que no espaço escolar o aprender e o brincar entrelaçavam no cotidiano dos alunos.

Qual o sobre-nome que é acidente geográfico? - (2 sílabas). Qual o Estado Brasileiro, que sem a última sílaba é peixe? - (3 sílabas). Qual a Capital Europeia que sem a última é preposição ? (3 sílabas). Orlando R. Gonçalves).

Com a exposição dessa fonte, temos uma compreensão sobre o cotidiano, que nos possibilita compreender a forma como a educação primária incorporava práticas culturais e cognitivas. Assim, o desenvolvimento intelectual e social dos alunos, mostram a importância do lúdico na construção de conhecimentos.

Deste modo, percebe-se que o jornal escolar enquanto fonte para a História da Educação assume um importante papel como suporte de guarda da memória escolar, ao registrar acontecimentos e percepções do tempo do tempo vivido. Constitui-se fonte para compreender as representações da escola e da vida social, além de se firmar como espaço de expressão da escrita estudantil.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos textos do jornal escolar Fanal (1940), fundamentada na Nova História, mostra que os textos das crianças são fontes históricas que mostram as representações sociais, culturais e educacionais de seu tempo. Com isso, este estudo evidencia a escrita infantil como testemunha da escola e da sociedade de outrora. Pois os textos escolares são documentos que permitem compreender como crianças percebem, interpretam e participam do mundo em que vivem.

Assim, os textos analisados confirmam que o jornal escolar Fanal atuou como mediador cultural e educativo, possibilitando aos alunos expressarem suas percepções do mundo, seus aprendizados e valores. Sob a perspectiva da Nova História, tais produções são compreendidas como fontes para a História da Educação, pois procuram registrar experiências vividas. Dito em outras palavras, o Fanal representou naquele período um espaço de formação cultural e social. Contribuindo para a construção da memória coletiva e para a preservação da história da educação.

REFERÊNCIAS

- AS VISITAS dos outros. Gazeta do Piauí, Teresina -PI, p. 9, 28 jan. 1943. Disponível em: <http://memoriadojornalismopi.com.br/>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- BARROS, José d' Assunção. Fontes Históricas: Introdução aos seus usos historiográficos. 2019. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2019.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. Escritas estudantis em periódicos escolares. Revista História da Educação, Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 7-10, maio/ago. 2013.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. v. 1. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 25 maio 2023.
- CARVALHO, Orlando G. Rego. A Feira. Jornal Fanal, Oeiras - PI, ano I, n. 5, p. 8-8, 31 mar. 1940.
- _____. COMO E POR QUE ME FIZ ESCRITOR. 2a. ed. Teresina - PI: Quimera Editora, 2014.
- CERTEAU, Michel. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. A História cultural: entre práticas e representações. Lisboa: LIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- COSTA, Benedita. A Igreja do Rosário. Jornal Fanal, Oeiras - PI, ano I, n. 5, p. 8-8, 31 mar. 1940.
- DIAS, Gonçalves. Canção do Exílio. In: Toda matéria. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cancao-do-exilio-de-goncalves-dias/>. Acesso em: 14 set. 2025.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliana Marta Teixeira. Território plural: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.
- GONÇALVES, Orlando R. Perguntas Recreativas. Jornal Fanal, Oeiras - PI, ano I, n. 5, p. 8-8, 31 mar. 1940.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.
- HIPOLITO, José. A Escola. Jornal Fanal, Oeiras - PI, ano I, n. 5, p. 8-8, 31 mar. 1940.
- M. B, Hercília. Brasil. Jornal Fanal, Oeiras - PI, ano I, n. 5, p. 8-8, 31 mar. 1940.
- MOISÉS, Massaud. DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS. São Paulo: Cultrix, 2013.
- OLIVEIRA, Benedita. Perfil de uma coleguinha. Jornal Fanal, Oeiras - PI, ano I, n. 5, p. 7-7, 31 mar. 1940.
- REIS, Amada de Cássia Campos. História e Memória da Educação em Oeiras: de meados do século XVIII à primeira metade do século XX. Teresina: EDUFUPI, 2009.

SILVA, Alexsandro Rocha; FERRO, Maria do Amparo Borges; SILVA, Maria Solange Rocha. Um estudo das primeiras publicações de O. G. Rego de Carvalho: jornal escolar Fanal e memórias escolares. Revista Caderno Pedagógico, Curitiba, v. 21, ed. 4, p. 1-19, 2024. DOI 10.54033/cadpedv21n4-067. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3692>. Acesso em: 21 set. 2025.

SIQUEIRA, Maria. OEIRAS. Jornal Fanal, Oeiras - PI, ano I, n. 5, p. 8-8, 31 mar. 1940.

SOUSA, Jane Bezerra. Instituições escolares no Piauí em páginas de jornais (1961 a 1971). Curitiba: CRV, 2020.

VILANOVA, Francisco Gomes. Instruir a mocidade e espalhar a luz: imprensa escolar como estratégia de formação dos estudantes no Piauí (1930 - 1948). 2022. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2022.